

## **KAYAPÓ: os guardiões da floresta amazônica e sua ligação com a sociedade externa**

**Karina Fabiana de Oliveira Paço**

Grupo étnico Kayapó, autodenominado *Mebengokré* pertencem ao tronco linguístico macro-Jê, ocupam um território de mais de 13 milhões de hectares de florestas primárias e de cerrados em excelente estado de conservação no sul do estado do Pará e norte do estado do Mato Grosso. Habitam, atualmente, as cinco Terras Indígenas contíguas TI's Kayapó, *Menkragnoti*, *Badjonkôre*, *Capoto/Jarina* e *Baú*), além de quatro outras isoladas, a TI Las Casas, a TI Xikrin do Catete, a TI Kararaô e a TI Trincheira/Bacajá. Esse bloco de TI's representa uma importante porção do Corredor de Biodiversidade dos Ecótonos Sul Amazônicos e, devido à presença de espécies consideradas globalmente ameaçadas, é também considerada uma área chave para biodiversidade (Key Biodiversity Área - KBA).

Os Kayapó encontram-se distribuídos em dez sociedades indígenas conhecidas como: *A-Ukre*, *Gorotíre*, *Kararahô*, *Kokraimôro*, *Kriketum*, *Kubenkrankêng*, *Mekragnotí*, *Mentuktire* ou *Txukahamãe*, e os *Xikrín*, subdivididos em *Xikrín do Bacajá* e *Xikrín do Cateté*. Existem, atualmente, pelo menos três outros grupos Kayapó isolados de qualquer contato, são eles: os *Ngra-Mrari*; os *Purô* e os *Pituiarô*, todos localizados nos estados do Pará e Mato Grosso. A população total é estimada em 8.638 indivíduos aproximadamente espalhados em aldeias (comunidades) com tamanhos que variam de 60 a cerca de 1000 pessoas.

### **Relação com a sociedade externa**

Esse jeito de ser e conviver do povo *Mebêngôkre* é dinâmico e muda com o tempo, conforme se estabelecem novos contatos e relações. Buscar o outro, o exterior e diverso, sempre foi um objetivo desse povo. Tudo que trazem de fora, no entanto, deve se tornar *Mebêngôkre*, tudo pode vir a compor sua cultura, ou *kukradjà*, como se referem a ela. Nomes e adornos trazidos por

outros grupos passam a circular de acordo com regras expressas de transmissão e uso. Portanto, *kukradjà* é algo aberto, que há de ser continuamente renovado, para manter sua potência e melhor produzir novos *Mebêngôkre*, pessoas e coletivos.

Percebe-se hoje, uma mudança fundamental na concepção de mundo entre o povo *Mebêngôkre*. A visão que tinham de si próprios, como paradigma exclusivo da humanidade, deu lugar ao reconhecimento de que são apenas mais um tipo étnico da humanidade, que partilham com outros grupos indígenas uma cultura semelhante, assim como os mesmos problemas de auto-preservação. Hoje a totalidade social é dividida entre o índio e o não índio.

Os *Mebêngôkre* estão aprendendo a se conceber também como agentes de sua própria história e não somente como criações de um tempo mitológico. Essas duas concepções passaram a coexistir, sendo a nova focalizada sob a interface da comunidade *Mebêngôkre* com a sociedade não indígena e a antiga voltada essencialmente para processos e valores internos da comunidade.

A relação entre a comunidade *Mebêngôkre* e a sociedade em geral é articulada por processos de circulação, caracterizados pelo movimento de mercadorias e pela luta por uma autonomia diante da fonte destas mercadorias. Hoje, produzem e beneficiam mel, farinha, bananas, frutas, pequi, óleos e outros produtos da floresta que são importantes fontes de renda. Também produzem artesanato para ser vendido nas cidades. Com o dinheiro compram “coisas de *Kuben*” – os brancos, na medida em que tais coisas fazem parte do seu cotidiano.

Demonstram consciência do poder e interesse que seus produtos e artefatos despertam na sociedade ocidentalizada. E passaram a perceber a sua cultura como algo que devem preservar para se defender contra as pressões assimiladoras dos não índios. Reformularam sua concepção de mundo em termos históricos e políticos, porém permanecem apoiados nos mesmos princípios básicos de sua visão cosmológica tradicional.

### **Principais líderes *Mebêngôkre***

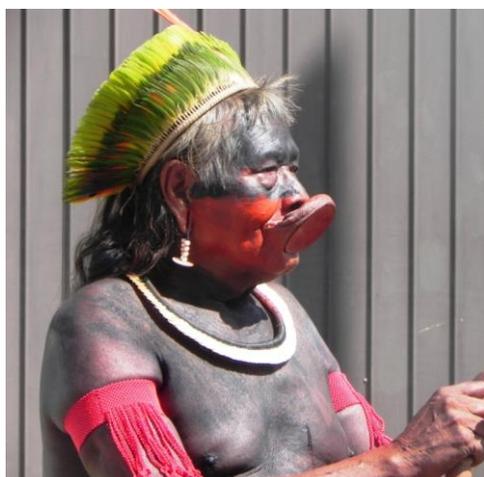
Em 1954, quando o povo *Mebêngôkre* estabeleceu contato definitivo com os homens brancos. **Ropni Metuktire**, conhecido como Raoni, tinha aproximadamente 24 anos. Em 1964, encontrou-se com o rei Leopoldo III da

Bélgica, que estava em expedição pelas reservas indígenas no Mato Grosso e, em 1978, foi tema de um documentário indicado ao Oscar. O aumento do interesse dos meios de comunicação brasileiros pela questão ambiental fez dele um porta-voz natural da luta pela preservação da floresta amazônica.

Em 1989, Raoni conseguiu mobilizar a imprensa mundial para a cobertura do encontro de Altamira contra a construção da barragem Kararaô, hoje Belo Monte e, com isso, o projeto foi abandonado. A grande turnê por 17 países, no mesmo ano, resultou no desbloqueio de fundos internacionais para a demarcação de terras indígenas brasileiras, bem como na tomada de consciência do público em geral sobre a necessidade de proteger a floresta amazônica e suas populações nativas. Depois do encontro com Sting no Parque Indígena Xingu, em 1987, Raoni alcançou notoriedade internacional. Ele participou de uma conferência em São Paulo da Anistia Internacional, cujo impacto resultou na fundação da *Rainforest Foundation*, cuja prioridade era a demarcação dos territórios Kayapó.

Raoni conquistou o apoio de importantes personalidades como François Mitterrand, Jacques Chirac, Juan Carlos da Espanha, o Príncipe de Gales e o Papa João Paulo II, James Cameron, Signourney Weaver e Arnold Schwarzenegger, além de muitas outras personalidades nacionais e internacionais. E, apesar da idade avançada (84 anos aproximadamente), continua ativo na luta contra a destruição da floresta amazônica.

Em 2001, Raoni juntamente com seu povo Kayapó, decidiram criar sua própria organização não governamental sem fins lucrativos para elaborar projetos de conservação e desenvolvimento e obter fundos externos, nasceu então o **Instituto Raoni**.



**Mekaro-ni Txucarramãe**, conhecido como Megaron, é guerreiro de família nobre, sobrinho de Raoni, foi preparado por Orlando e Claudio Villas Bôas para ser uma liderança indígena e fazer a intermediação com o “mundo dos brancos”. Assim, tornou-se o primeiro índio a chefiar o Parque Indígena do Xingu.

Atuou por 26 anos na FUNAI – Fundação Nacional do Índio, órgão do governo federal brasileiro, tendo participado nas frentes de contato dos povos *Ikpeng* e *Panará*. Em 1984, participou da demarcação da Terra Indígena *Capoto/Jarina* e, em 1992/1993, da Terra Indígena *Menkragnoti*. Foi supervisor, pela FUNAI, do Parque Indígena do Xingu de 1984 a 1994 e diretor da FUNAI – Colíder/MT de 1995 a 2011. Foi, também, membro fundador da Associação *Ipren-re* de Defesa do Povo *Mebêngôkre*, em 1993 e do Instituto Raoni em 2001.

Megaron foi exonerado do cargo de coordenador regional da FUNAI devido sua oposição declarada às usinas hidrelétricas de Belo Monte, Teles Pires e Tapajós.



### **Instituto Raoni - IR**

Em colaboração com Fundação Nacional do Índio – FUNAI, o Instituto Raoni tem por missão a defesa dos interesses dos povos residentes nas Terras Indígenas *Capoto/Jarina*, *Panará* e *Menkragnoti*, através da promoção da autonomia cultural e a autodeterminação dessas comunidades indígenas.

Atualmente, o Instituto Raoni representa cerca de 2.100 indígenas distribuídos em 21 aldeias *Kremoro, Ropny* (antiga *Metuktire*), *Bytire, Kaweretxiko, Piaraçu, Kempo, Kakamkubem, Omeikrakum, Kororoti, Pykatankwry, Jatobá, Wani-Wani, Nassepotit, Mokrore, Kretire, Krumare, Pakaya, Sakorasa, Kotiko, Sokwye e Paxtana*, situadas nas terras indígenas *Menkragnoti, Panará e Capoto/Jarina* e terra de ocupação tradicional *Kapotnhinore* área de influência da BR 163, fronteira do Estado de Mato Grosso com Pará.

O IR visa garantir o fortalecimento das comunidades Kayapó, pois tem o conhecimento de que esse é um dos principais mecanismos para a proteção de seus territórios e para o desenvolvimento de atividades que promovam o uso sustentável da biodiversidade e diminuam sua vulnerabilidade ao envolvimento com atividades predatórias. Por essas razões, o IR busca um conjunto de políticas realísticas e de longo alcance para melhorar as condições de vida atuais e futuras dos Kayapó mediante a promoção da independência econômica das várias comunidades e a garantia da integridade física de suas terras.

### **Bibliografia consultada**

MAUSS, M. **Sociologie et anthropologie**. Presses Universitaire de France, 1950.

POSEY, Darrell Addison. **Cisão dos Kayapó não impede crescimento populacional**. Revista de Atualidade Indígena. Brasília: v. 3, n.16, maio/jun., 1979.

TURNER, T. S. **Social structure and political organization among the Northern Cayapó**. Harvard University, 1996. (Tese de Doutorado).

TURNER, T.S. **The forest of symbols aspects of Ndembu ritual**. Ithaca & Londres, Cornell University Press.1967.